

AUTOPUBLICAÇÃO E A AMPLIFICAÇÃO DE VOZES SILENCIADAS NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Liara Oliveira Magalhães

liaraoliveira@proton.me

<http://lattes.cnpq.br/2041242972746772>

Jorge Alves Santana

jorgeufg@bol.com.br

<http://lattes.cnpq.br/2812435500901945>

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a autopublicação e como ela permite que autores cuja voz fora historicamente silenciada pelo mercado *mainstream* encontraram em plataformas como o *Wattpad* e a *Amazon* uma maneira de se fazerem lidos. Discutindo como a internet contribui para a democratização da possibilidade de ser lido, utilizaremos a pesquisa de Regina Dalcastagnè (2012) para comentarmos o cenário atual do mercado literário brasileiro bem como as considerações de Conceição Evaristo (2009) para discutirmos a importância de pessoas marginalizadas e historicamente silenciadas de contarem suas próprias histórias e serem agentes, atores e detentores de sua própria produção artística e publicação literária.

Palavras-chave: autopublicação; literatura brasileira contemporânea; representatividade na literatura

INTRODUÇÃO

Dentre as inúmeras mudanças e facilidades que a internet trouxe para a sociedade em diversas áreas de atuação é uma tarefa fácil destacar a mais importante para a literatura: sem dúvidas a proliferação de vozes e amplificação de vozes que antes não tinham espaço em espaços tradicionais de publicação literária. Nas décadas de 1990 e 2000 surgiram os blogs e com eles a substituição do diário tão utilizado por tantos autores pela total exposição de seus pensamentos para dezenas, centenas e eventualmente milhares de pessoas.

Transfigurando as considerações de Philippe Lejeune (LEJEUNE, 2008, p. 257), de que o diário é uma atividade íntima, discreta e feita escondida, longe do olhar de julgo de outrem, os blogs se proliferaram com pessoas expondo seus pensamentos e reflexões íntimas. Alguns os faziam por pura catarse, outros já treinando uma veia literária. Fato é

que conforme os blogs morreram dentro da internet, a atividade de escrita não morreu junto, ao contrário, espalhou-se pelas redes sociais que tornaram-se grandes hubs dos usuários da internet. Se antes todos tinham um blog ou uma newsletter enviada diretamente para o e-mail daqueles que estavam inscritos para lerem os mais novos pensamentos daqueles autores, agora essas reflexões eram postadas em redes como Facebook, Instagram, Twitter e Tumblr.

O reconhecimento literário vinha por meio de curtidas, compartilhamentos, seguidores na rede social. Hoje, são diversos os perfis de Instagram que se dedicam a uma atividade literária e poética quase mecânica, de fácil acesso e identificação com o público, até mesmo com aqueles que anteriormente não tinham o costume de consumir literatura ou poesia. Longe de atribuir qualquer juízo de valor a estes escritores e a estes leitores, o que é fato é que, ao contrário do que costuma-se pensar, o brasileiro tem consumido cada vez mais literatura e poesia: nós só não o fazemos da maneira tradicional, via livros, e sim via postagens de redes sociais.

Renego aqui, portanto, qualquer tentativa de tradicionalismo que invente e imponha regras à produção literária. Machado de Assis publicou *Quincas Borba* em formato de folhetim numa revista de moda. Franz Kafka tinha seu famoso diário que, vez ou outra, é ressuscitado como meme de rede social. É de gigantesco anacronismo dizer que estas figuras não usariam dos meios de publicação que a internet oferece por não serem tradicionais, da mesma forma que é um anacronismo assumir que o fariam. Porém, dado um autor como Machado publicar uma de suas grandes obras onde teve espaço, uma revista de moda, e Kafka a ser dado à mesma atividade de escrita diária que incendiava e movimentava os blogs, me parece muito mais distante da realidade pensar que ambos optariam por não serem lidos em respeito a uma “tradição” que existe apenas nos olhos e mentes de puristas que valorizam mais a ideia do objeto livro do que da literatura que ali é contida.

LITERATURA “DE VERDADE”

É principalmente este preciosismo e tradicionalismo, e aqui utilizo ambos os termos para eufemismos do que realmente são: racismo, xenofobia, capacitismo,

LGBTQIAP+fobia e uma série de outros preconceitos, que considera um certo tipo de literatura como “aceitável” e, portanto, publicável dentro do *mainstream* literário. Em pesquisa conduzida pela pesquisadora e professora doutora Regina Dalcastagnè, fica evidente qual a posição do mercado editorial para o que considera uma literatura que merece ser publicada:

Outra pesquisa, mais extensa – apresentada no último capítulo deste livro –, mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 6).

É nessa conjuntura que a autopublicação torna-se não apenas uma viável alternativa, mas muitas vezes a única alternativa que muitos autores têm para expressarem suas visões de mundo e colocarem sua literatura de maneira disponível para o grande público. A autopublicação não é novidade e muito menos surgiu com o advento da internet: autores como William Blake, Edgar Allan Poe, Marcel Proust e Virginia Woolf (DOUGHTY, 2015, n. p.) usufruíram do método. Evidentemente, em diferentes épocas a autopublicação tomava também diferentes formas: enquanto no passado havia de se ter uma disponibilidade financeira a fim de arcar com os custos de editoração, produção e impressão dos livros, na contemporaneidade, esse custo diminuiu severamente devido à disponibilidade e facilidade da publicação digital.

O autor que preferir optar pela autopublicação nos moldes tradicionais ainda tem disponível a opção: gráficas e editoras sob demanda ainda oferecem o serviço e não são nada difíceis de serem encontradas. É, no entanto, em duas frentes que a autopublicação digital acontece de maneira ostensiva: no *Wattpad* e na *Amazon*. Ambas são plataformas que em muito facilitaram o trabalho dos autores que desejam autopublicarem seus livros. Na primeira, um cadastro rápido é necessário e logo você já pode colocar os capítulos do seu livro para leitura no mundo inteiro. O melhor? É tudo de graça. Tanto para publicar quanto para aqueles que vão ler, todo o processo é gratuito. Autores se desdobram em

várias funções: capistas, editores, revisores, diagramadores e publicam suas obras quando bem entendem. É claro que o autor que dispõe de recursos ou deseja profissionalizar seu trabalho contrata profissionais que trabalham exclusivamente com cada uma dessas funções para criar um livro, e aqui falo do objeto, mesmo que digital, que consiga concorrer em termos de qualidade de editoração, capa e revisão com aqueles lançados pelos leviatãs do mercado editorial.

Para estes autores, a *Amazon* se torna uma plataforma muito mais atrativa, não apenas pelas ferramentas que o *Kindle Direct Publishing*, plataforma de autopublicação que o site oferece, mas também pela possibilidade de precificar o seu trabalho e, portanto, vender seu livro e receber por isso. Deixando, é claro, uma porcentagem para a gigante *Amazon*.

É neste cenário que narrativas que, via de regra, são ignoradas pelo *mainstream* do mercado literário acontecem e florescem: para além da representatividade presente nas narrativas e nos personagens, há representatividade quando falamos dos próprios autores. Embora eu não acredite que apenas pessoas que façam parte de determinado grupo marginalizado possa retratar tal grupo, ignorar que pessoas pertencentes a estes grupos tenham subjetividades específicas e mais a ser dito é ignorar a materialidade da realidade. Como Conceição Evaristo diz:

Tenho concordado com os pesquisadores que afirmam que o “ponto de vista” do texto é o aspecto preponderante na conformação da escrita afrobrasileira. Estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009, p. 18)

Essa posição, embora importantíssima, é passível de ser lida da maneira errada e tomada e interpretada como uma posição que carrega um terrível erro de interpretação: que há barreiras e impedimentos na literatura. Não é isso que Evaristo defende em sua fala, muito menos o que defendo neste trabalho. O que quero evidenciar aqui é a

subjetividade presente no discurso daquele que narra o que vive, em contraponto do que narra uma realidade que não vive, mesmo que respeitando-a e fugindo de estereotipá-la.

Inclusive, uma das ferramentas que autores (sejam autopublicados ou não) dispõem é da possibilidade de contratar um leitor sensível. Atividade que muito gerou polêmica há alguns anos, a leitura sensível nada mais é do que um tipo de leitura analítica que, feita por alguém que pertence a um grupo minoritário, garante que os personagens que pertencem ao mesmo grupo, porém escritos por alguém que não faz parte desse grupo não reforcem esteriótipos danosos ou sejam construídos de maneira preconceituosa.

HISTÓRIAS CONTADAS POR QUEM AS VIVE

Novamente, em uma rápida passada pela página principal da *Amazon*, recebemos um bombardeio de informações e livros digitais dos mais diversos temas, a maioria exibindo valores módicos que podem ir de R\$1,99 até R\$9,99 a depender do tamanho da obra, uma clara vantagem dos livros digitais frente aos R\$49,99 que custa, em média, um livro lançamento. Não apenas isso, mas os assinantes do programa *Kindle Unlimited*, o programa de assinatura de livros da *Amazon*, têm acesso à maioria destes livros de maneira gratuita se a mensalidade estiver em dia. Basta a permissão do autor, que por sua vez, recebe por página lida, o que é um grande incentivo para que os autores liberem suas obras no programa. Sem ilusões com monopólios, principalmente o da *Amazon*, como se de alguma maneira a empresa se importasse com literatura ou com autores menores. Ainda estamos falando do mercado, ainda estamos falando do capital e na materialidade do capitalismo, essa plataforma só existe pois rende o suficiente pra gigante empresa enquanto paga centavos por página lida aos autores. Contudo, ainda é, de longe, o meio mais eficaz de autopublicação, seja pela facilidade ou pela própria popularização do *Kindle*, leitor de livros digitais, também da *Amazon* e que permite que, com um clique, o livro desejado seja baixado e esteja pronto para ser lido.

Não é de se estranhar que os autores que desejam publicar seus escritos sem terem de passar pelo crivo muitas vezes preconceituoso e de cartas marcadas das editoras tradicionais optem e prefiram a autopublicação. Uma tarde no *Twitter* é tempo de

sobra para conhecer dezenas de autores que não apenas tem suas obras publicadas na plataforma, mas também tem fãs, seguidores, consumidores assíduos do seu trabalho e que, ao contrário do que dizem as piadas, más línguas e expectativas gerais, fazem dinheiro com literatura num país “que não lê”, como o Brasil.

Para o leitor deste artigo que não está acostumado à autopublicação deixo aqui uma lista de obras e autores que contam suas próprias histórias em narrativas repletas de representatividade e personagens que, via de regra, não aparecem na literatura *mainstream* e quando o fazem, aparecem como tragédia, farsa ou motivo de risada.

Olívia Pilar, autora negra e que escreve sobre mulheres que amam mulheres e seu conto *Entre estantes* (2017); Ariel F. Hitz, autor trans e seu livro *A gravidade de Júpiter* (2019), cujas personagens principais são trans, uma delas no processo de descoberta de sua transgeneridade e Camila Paiva, escritora lésbica e PcD e seu conto *A essência do amor* (2021) que conta com um romance sáfico e uma personagem principal também PcD, para citar alguns.

Aqui faço uma lista pequena e que não reflete a totalidade e o tamanho da variedade que a autopublicação traz para a literatura contemporânea brasileira. Novamente, uma tarde de pesquisa no *Twitter* ou na própria *Amazon* é o suficiente para entendermos que existe mais que um *underground*, se é que possa ser chamado assim. Que a autopublicação não é só uma possibilidade, mas muitas vezes também um movimento, principalmente contra a hegemonia presente no mercado editorial *mainstream*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidentemente, como qualquer prática, a autopublicação não é isenta de defeitos. Se feita sem a devida atenção que um livro deve receber, a chance da publicação de algo aquém do que poderia ser não apenas é certa, mas muito comum: basta uma passeada rápida pelo site da *Amazon* para encontrar diversos títulos com erros gramaticais, erros de diagramação, capas repetidas ou feitas de qualquer maneira, na ânsia de ver seu livro publicado. A falta de editores obrigatoriamente lendo e comentando os livros também faz com que exista uma séria questão sobre qualidade literária das obras autopublicadas:

longe de, novamente, atribuir qualquer juízo de valor, autores autopublicados têm a tendência a assumir diversas funções durante o processo de publicação de suas obras e talvez a mais assumida seja o papel de editores. Há uma certa impossibilidade técnica e quase filosófica em conseguir se distanciar o suficiente do próprio trabalho para criticá-lo de maneira imparcial. Não é incomum, contanto, encontrar editores que oferecem seus trabalhos de editoração, bem como capistas, diagramadores, revisores. Cabe ao autor autopublicado, também, entender que o ofício do autor é a escrita. E que por mais que a escrita seja uma atividade solitária, a publicação, seja autopublicação ou por uma editora gigante, não o é.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.

DOUGHTY, Howard A. **Review of Coming Into Being: Sabina Spielrein, Jung, Freud and Psychoanalysis**. *College Quarterly*, v. 18, n. 3, 2015.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009

HITZ, Ariel F. **A gravidade de Júpiter**. Livro digital, 2019.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. de Maria Inês Coimbra Guedes e Jovita Maria Gerheim Noronha.

PAIVA, Camila. **A essência do amor**. Livro digital, 2021.

PILAR, Olívia. **Entre estantes**. Livro digital, 2017.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Liara Oliveira Magalhães é mestranda da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Seus temas de pesquisa envolvem gênero, literatura LGBTQIA+ brasileira contemporânea e horror e erótico na literatura e no cinema.

Jorge Alves Santana é professor titular da Universidade Federal de Goiás, por promoção de carreira via defesa de tese sobre transculturas israelopalestinas. Desde 1995, faz parte do quadro docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, atuando no campo dos estudos literários e transculturais, na graduação e pós-graduação. De modo recorrente, seus temas de pesquisas/orientações são: relações israelopalestinas; literatura e cinema; identidades e subjetivações transversais; globalização e espaços rizomáticos; pragmática literária de marcadores psicossociais de etnorraça, gênero, religião, classe social, ecologia, e faixa etária. É orientador de mestrado de Liara Oliveira Magalhães.